

Projeto Rios Invisíveis e o Córrego Prata

A importância da participação popular e do mapeamento afetivo-participativo

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

David Alves Finotti Camardelli de Azerêdo
Universidade Federal de Goiás - UFG
E-mail: finotti_david@ufg.br

Wagner Rezende de Souza
Universidade Federal de Goiás - UFG
E-mail: wagnerrezende@ufg.br

RESUMO

A gestão das águas urbanas exige, cada vez mais, abordagens integradas que articulem conhecimento técnico, participação popular e sensibilidade ecológica. Este artigo analisa a experiência do Projeto Rios Invisíveis, voltado à transformação do Córrego Prata, na cidade de Goiás, destacando o papel da mobilização comunitária e do mapeamento participativo na construção de estratégias socioambientais. Por meio de oficinas, cartografias afetivas, inventários de memória e ações educativas, o projeto articulou saberes tradicionais e acadêmicos para propor soluções baseadas na natureza e fomentar a requalificação da paisagem. A análise evidencia que a participação popular não apenas legitima o processo de regeneração urbana, como também contribui para consolidar o córrego como paisagem de memória, resistência e resiliência. O estudo reforça a relevância do engajamento comunitário como componente central de projetos de recuperação de corpos hídricos em contextos urbanos, especialmente em cidades de pequeno porte.

PALAVRAS-CHAVE: participação popular; córregos urbanos; mapeamento participativo; resiliência; paisagem cultural.

ABSTRACT

Urban water management increasingly demands integrated approaches that combine technical knowledge, popular participation, and ecological sensitivity. This article analyzes the experience of the Invisible Rivers Project, focused on transforming the Prata Stream in the city of Goiás, highlighting the role of community mobilization and participatory mapping in the construction of socio-environmental strategies. Through workshops, affective cartographies, memory inventories, and educational actions, the project articulated traditional and academic knowledge to propose nature-based solutions and foster landscape requalification. The analysis shows that popular participation not only legitimizes the urban regeneration process but also contributes to consolidating the stream as a landscape of memory, resistance, and resilience. The study reinforces the relevance of community engagement as a central component of water body recovery projects in urban contexts, especially in small cities.

KEYWORDS: popular participation; urban streams; participatory mapping; resilience; cultural landscape.

1 INTRODUÇÃO

A crescente degradação dos corpos hídricos urbanos revela as contradições do modelo de urbanização hegemônico, que historicamente marginalizou os rios, córregos e nascentes em

prol da expansão da malha viária, da impermeabilização do solo e da fragmentação dos ecossistemas (TUCCI, 2008). A invisibilização desses cursos d'água, muitas vezes canalizados, tamponados ou transformados em esgoto a céu aberto, compromete não apenas a qualidade ambiental urbana, mas também os vínculos simbólicos, afetivos e culturais que as comunidades mantêm com seus territórios (TUNDISI *et al.*, 2008).

Figura 1: Mapa da cidade de Goiás. O Córrego Prata e o Rio Vermelho aparecem destacados na imagem de satélite.



Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2025.

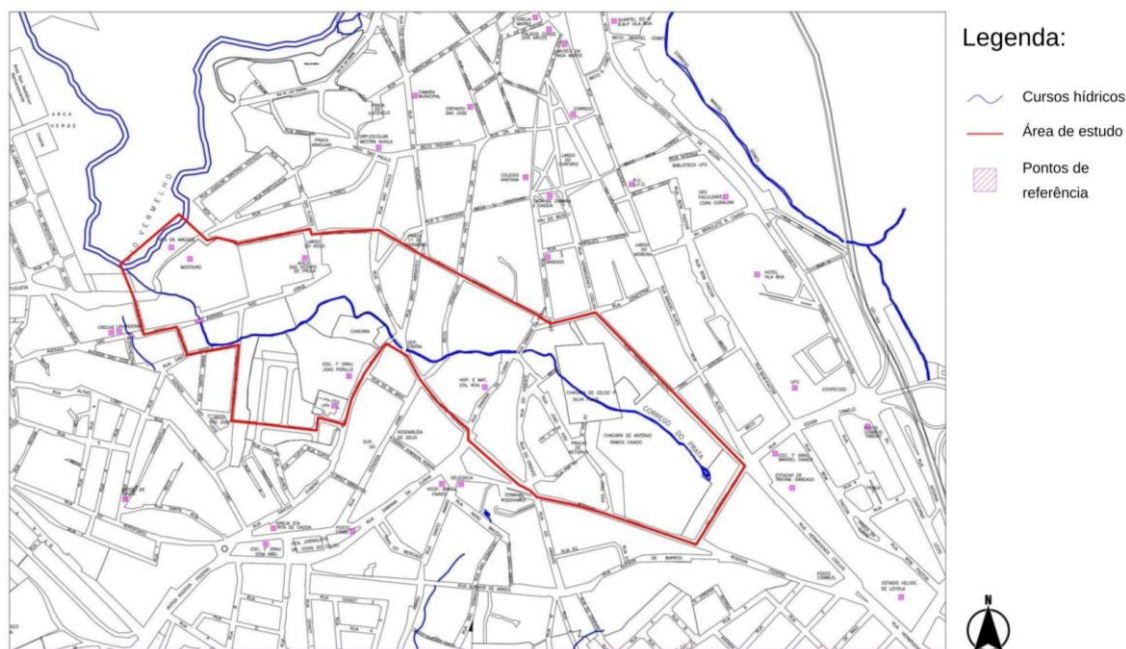
Desta forma, vêm ganhando relevância as estratégias de renaturalização de rios urbanos e de recuperação de paisagens fluviais, que buscam articular ações de requalificação ambiental com processos participativos de leitura e intervenção no território. A abordagem participativa no planejamento de infraestruturas verdes — especialmente em cidades pequenas e médias — é fundamental para que se estabeleça uma gestão democrática da água, com base na memória local, no reconhecimento dos saberes populares e na valorização da paisagem como bem comum.

Neste contexto, foi lançado em 2024, o projeto Rios Invisíveis que resulta de uma cooperação entre a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Prefeitura Municipal de Goiás e a Universidade Estadual de Goiás (UEG), contando ainda com a colaboração de pesquisadores italianos em uma articulação internacional. A iniciativa tem como finalidade principal promover a regeneração socioambiental do território por meio de três eixos interligados:

- 1-Recuperação física das margens do Córrego Prata, com foco na proteção e restauração de suas matas ciliares;
- 2-Educação ambiental crítica e participativa, visando o engajamento da comunidade local na preservação dos recursos hídricos;

3-Diagnóstico socioambiental integrado, construído a partir da articulação entre conhecimento científico e memória afetiva da população.

Figura 2: Localização Córrego Prata.



Fonte: Desenvolvido pelos autores, 2025.

A execução do projeto envolve uma equipe multidisciplinar composta por arquitetos, urbanistas, geógrafos, biólogos e técnicos de diferentes áreas, o que evidencia a importância de abordagens híbridas e interdisciplinares para a formulação de soluções eficazes frente aos desafios urbanos e ambientais contemporâneos.

Este artigo parte da experiência do Projeto Rios Invisíveis, realizado no município de Goiás, com foco no Córrego Prata, para discutir a importância da participação popular na construção de estratégias de intervenção socioambiental. Através de mapeamentos afetivos, oficinas intergeracionais, caminhadas ecológicas e registros cartográficos, buscou-se construir um diagnóstico coletivo e sensível do território, bem como promover ações educativas e propositivas voltadas à regeneração do córrego e de sua bacia de contribuição.

O objetivo é refletir sobre os potenciais e limites das metodologias participativas no enfrentamento das desigualdades ambientais, na revalorização dos rios urbanos e na constituição de paisagens mais resilientes, habitáveis e inclusivas. O artigo estrutura-se em cinco partes: além desta introdução, apresenta-se a metodologia adotada, o desenvolvimento com base nos resultados do projeto, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 METODOLOGIA

Este artigo se fundamenta em uma abordagem qualitativa, interdisciplinar e participativa, centrada na análise da experiência prática do Projeto Rios Invisíveis, realizado no município de Goiás, com foco na bacia hidrográfica do Córrego Prata. A metodologia adotada foi construída a

partir de processos colaborativos de escuta, leitura e intervenção no território, envolvendo a comunidade local, estudantes, professores e técnicos de diferentes áreas do conhecimento.

No contexto das atividades da pesquisa, seguimos os fundamentos a pesquisa-ação, adaptadas de Thiollent (2005), Pimenta (2005) e Barbier (2002). Foram utilizadas ferramentas de mapeamento participativo e cartografia afetiva como estratégia de reconhecimento coletivo da paisagem (Rezende, 2021), por meio de oficinas, caminhadas ecológicas, rodas de conversa e dinâmicas sensoriais. Tais ações permitiram identificar pontos de degradação ambiental, áreas de nascente, práticas antrópicas de risco e elementos de valor cultural, simbólico e ecológico atribuídos ao córrego pelos moradores e participantes das atividades.

Além das dinâmicas de campo, o projeto também produziu registros cartográficos, croquis, desenhos e relatos orais que contribuíram para a composição de narrativas integradas entre memória, paisagem e diagnóstico socioambiental. A metodologia dialoga com os princípios da pesquisa-ação e da educação ambiental crítica, que reconhecem o papel ativo das comunidades na construção do conhecimento e na proposição de soluções territoriais.

O recorte temporal da experiência abrangeu o segundo semestre de 2024 e o primeiro semestre de 2025, período em que foram realizadas as ações de escuta, imersão e sistematização dos dados. Os resultados apresentados na próxima seção emergem da análise desses materiais, cruzando observações de campo, registros sensíveis e a experiência coletiva de construção do conhecimento ambiental e territorial.

3 O PROJETO RIOS INVISÍVEIS

A cidade de Goiás, antigo núcleo aurífero do período colonial brasileiro e atualmente reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO, configura uma paisagem urbana singular, moldada por uma complexa interação entre natureza, cultura e processos históricos de urbanização. Essa relação, embora rica em significados, é atravessada por desafios característicos das cidades de pequeno porte, especialmente daquelas situadas na interface entre o urbano e o rural, onde as dinâmicas de crescimento, o uso do solo e a ocupação do território são determinados por múltiplos vetores, muitas vezes contraditórios.

Nesse contexto, o Córrego Prata se destaca como elemento estruturante dessa paisagem híbrida. Mais do que um simples afluente do Rio Vermelho, ele se insere de maneira significativa na morfologia urbana, no relevo da cidade e na memória coletiva de seus habitantes. Sua presença carrega valores ecológicos, simbólicos e sociais que extrapolam sua função hidrográfica, constituindo-se como um marco territorial capaz de articular práticas de cuidado, pertencimento e revalorização do espaço urbano.

Assim, representa uma paisagem marcada tanto pela sua importância ecológica quanto pelos processos históricos de degradação urbana e invisibilização dos cursos d'água. A ocupação desordenada do solo, a impermeabilização das margens, o descarte de resíduos e a canalização parcial do córrego são fatores que comprometeram sua integridade ambiental e a relação da população com o ambiente fluvial.

A relação da população com o Córrego Prata transcende dimensões meramente funcionais ou estéticas, sendo permeada por laços históricos, simbólicos e afetivos profundamente enraizados no cotidiano e na cultura local. Trata-se de uma paisagem de memória, no sentido atribuído por

Nora (1993), pois concentra narrativas que evocam vivências da infância, banhos em suas águas, lendas populares e modos de vida tradicionais associados ao território.

O Rio Vermelho e os córregos que o alimentam na cidade de Goiás, com destaque para o Córrego Prata, constituem marcos identitários da paisagem urbana, frequentemente mencionados em relatos orais, expressões artísticas e manifestações culturais. Sua presença no imaginário coletivo revela não apenas uma percepção afetiva do espaço, mas também o papel central que esses corpos d'água desempenham na construção de sentidos e pertencimentos na cidade.

Como observa Almeida (2010), compreender o patrimônio como uma construção social enraizada nas territorialidades permite interpretar as paisagens não apenas como cenários, mas como expressões de identidade e resistência coletiva. Nessa perspectiva, o reconhecimento do valor cultural da geodiversidade, sobretudo quando articulada à paisagem e à memória, torna-se essencial para o desenvolvimento de políticas de proteção integradas, capazes de dialogar com o conhecimento técnico-científico e os saberes locais.

A cidade de Goiás constitui um exemplo emblemático dessa articulação entre natureza e cultura, onde o tecido urbano, os elementos naturais e os vínculos simbólicos entrelaçam-se na construção de territórios vivos, resilientes e carregados de significados. Essa confluência reforça a necessidade de abordagens que valorizem o patrimônio ambiental como parte indissociável da experiência cultural e da luta pelo direito ao território.

Diante desse cenário, o Projeto Rios Invisíveis propôs uma abordagem integrada, que alia diagnóstico técnico-territorial com o engajamento da comunidade local. O ponto de partida metodológico foi o mapeamento participativo, entendido como ferramenta que articula conhecimento técnico e saber popular. Oficinas de cartografia afetiva, caminhadas exploratórias e narrativas orais permitiram identificar pontos críticos e elementos simbólicos da paisagem, promovendo o resgate da memória ambiental e o reconhecimento do córrego como parte da identidade urbana.

A primeira ação concreta do projeto ocorreu em 2024, com a realização de uma expedição exploratória ao Córrego Prata, que marcou o início dos trabalhos de campo. A atividade teve caráter multidimensional e foi dividida em dois principais eixos:

Mapeamento técnico, voltado à identificação da nascente, registro fotográfico das condições de degradação ambiental, como a presença de resíduos sólidos, lançamento de esgoto doméstico não tratado e à caracterização de ocupações irregulares em Áreas de Preservação Permanente (APPs);

Inventário socioafetivo, realizado por meio de questionários e entrevistas com moradores locais. Os relatos revelaram uma relação ambígua com o córrego: apesar do visível abandono, persistem memórias afetivas de banhos, pescarias e encontros comunitários nas margens do curso d'água.

Os resultados da expedição revelam uma tensão latente: o Córrego Prata é, ao mesmo tempo, espaço de memória e afeto e lugar de descarte e degradação, refletindo a ausência histórica de saneamento básico, de políticas públicas integradas e de um planejamento urbano sensível às águas e à paisagem.

Ainda em 2024, foram realizadas oficinas de escuta comunitária no Mosteiro (figura 03), com o objetivo de aprofundar o diálogo entre moradores, pesquisadores e gestores públicos. Esses encontros ampliaram a compreensão das relações afetivas e históricas estabelecidas com o

Córrego Prata, permitindo que diferentes gerações compartilhassem lembranças, percepções e expectativas em relação ao território.

Os relatos dos moradores evidenciaram como o córrego permanece vivo no imaginário coletivo, sendo reconhecido não apenas como recurso natural, mas como patrimônio afetivo e intergeracional, cuja recuperação representa também um ato de memória e de esperança.

Figura 3: Oficina Mosteiro.



Fonte: Acervo Projeto Rios Invisíveis, 2024.

As ações realizadas ao longo do projeto revelaram que os moradores reconhecem o Córrego Prata como espaço de infância, lazer, sustento e espiritualidade, especialmente em suas porções de nascente e margens arborizadas. Ao mesmo tempo, apontaram os impactos da degradação ambiental como fator de distanciamento e insegurança. Essa ambivalência entre afeto e abandono é central para a construção de estratégias de intervenção, pois aponta para a necessidade de ações que articulem regeneração ecológica com reativação dos vínculos comunitários com o território.

O mapeamento revelou, por exemplo, a presença de espécies nativas e exóticas, pontos de escoamento irregular de águas pluviais, trechos com erosão e áreas sujeitas a alagamentos. O levantamento técnico conduzido por Silva Neto et al. (2024) identificou um total de 69 espécies vegetais distribuídas ao longo da bacia do Córrego Prata, pertencentes a 34 famílias botânicas distintas. Dentre essas espécies, aproximadamente 69,5% são nativas do bioma Cerrado, enquanto os 30% restantes correspondem a espécies exóticas, evidenciando tanto a riqueza florística local quanto os impactos da introdução de espécies alóctones no ecossistema da bacia. Também destacou o desejo coletivo de requalificar o córrego como espaço de convívio, educação ambiental e bem-estar, por meio da criação de trilhas ecológicas, hortas comunitárias, ações de reflorestamento e sinalização interpretativa da paisagem.

A leitura sensível do território permitiu construir propostas de intervenção baseadas em soluções baseadas na natureza (SbN), com foco na construção de resiliência urbana, na mitigação de riscos e na valorização das águas como infraestrutura ecológica. As estratégias

discutidas com os participantes incluíram o plantio de espécies nativas, a implantação de biojardins e a ocupação pedagógica das áreas marginais como forma de conservação ativa. Essas ações visam não apenas restaurar a qualidade ambiental do córrego, mas também reinserir o corpo hídrico no imaginário urbano, superando a lógica da canalização e do afastamento.

O processo demonstrou que a participação popular é elemento estruturante para o sucesso de qualquer política de reabilitação de rios urbanos, pois amplia o repertório de soluções, fortalece o sentimento de pertencimento e garante que as propostas reflitam os anseios e saberes do território. Como observam Tundisi e Tundisi (2011), a gestão das águas urbanas precisa ser também uma gestão das relações sociais, simbólicas e culturais que os sujeitos estabelecem com os rios e córregos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o Córrego Prata encontra-se encoberto por camadas sucessivas de negligência, degradação ambiental e ocupação urbana desordenada, tornando-se um símbolo das contradições entre os ideais de sustentabilidade e os desafios concretos da gestão urbana. De um lado, projeta-se a utopia de reintegrá-lo à malha urbana como um corredor ecológico vivo, onde águas limpas possam fluir entre vegetação nativa e espaços de convivência comunitária. De outro, impõe-se a urgência de conter os processos cotidianos de degradação, que avançam em ritmo mais acelerado que as respostas institucionais e o engajamento coletivo.

O projeto Rios Invisíveis se desenvolve nesse espaço de tensão e possibilidade. Com base na articulação entre saberes tradicionais e tecnologias sociais, seus idealizadores propõem estratégias que incluem, por exemplo, a implantação de zonas-tampão com espécies do Cerrado, resistentes à seca e à compactação do solo, como forma de promover a regeneração ambiental em áreas sensíveis. Ao mesmo tempo, confrontam-se com a dura realidade de um território onde o acesso ao saneamento básico ainda é desigual e a pressão do mercado imobiliário sobre as áreas frágeis permanece inalterada.

A experiência do projeto, voltado ao reconhecimento e à requalificação do Córrego Prata, evidenciou que os processos de transformação urbana e ecológica são mais efetivos e legítimos quando estruturados a partir da escuta ativa e do protagonismo comunitário. O mapeamento participativo e as ações de educação territorial desempenharam papel central na construção de um diagnóstico sensível e coletivo, capaz de integrar dimensões técnicas, afetivas, ecológicas e culturais da paisagem. Mais do que instrumentos de levantamento, esses processos constituíram espaços de escuta, negociação e produção compartilhada de conhecimento, nos quais moradores, técnicos e pesquisadores puderam reconhecer conflitos, potencialidades e prioridades a partir de múltiplos olhares. A participação ativa da comunidade qualificou a tomada de decisões ao deslocar o projeto de uma lógica exclusivamente técnica para um processo coproduzido, no qual as escolhas projetuais passaram a refletir demandas reais, memórias territoriais e práticas cotidianas de uso do espaço.

A comunidade local, por sua vez, manifesta sentimentos ambíguos, oscilando entre esperança e ceticismo. Durante as rodas de conversa, surgem sugestões como a criação de um parque linear e a realização de mutirões para a limpeza das margens — propostas que revelam o desejo de apropriação e cuidado coletivo, mas que também expõem a dificuldade de transformar essas iniciativas em políticas públicas permanentes e não apenas em ações pontuais.

No campo técnico-científico, discute-se a adoção de Soluções baseadas na Natureza (SbN) como forma de conter o assoreamento, recuperar a vegetação ciliar e tratar os efluentes urbanos. No

entanto, a carência de recursos e os entraves burocráticos colocam em risco a continuidade dessas propostas e a efetividade das ações planejadas.

No âmbito do Projeto Rios Invisíveis, esses processos tiveram reflexos diretos na definição das áreas prioritárias de intervenção, na hierarquização das ações e na escolha de soluções baseadas na natureza mais adequadas a cada trecho do território. O envolvimento comunitário fortaleceu o reconhecimento dos cursos d'água como elementos estruturadores da paisagem e do cotidiano urbano, ampliando o senso de pertencimento e corresponsabilidade sobre sua preservação. Como resultado, o projeto passou a incorporar estratégias mais sensíveis à realidade local, com maior potencial de apropriação social, sustentabilidade no longo prazo e legitimidade política, consolidando-se como uma ação de requalificação ambiental e urbana construída de forma coletiva.

O futuro do Córrego Prata depende, assim, de um equilíbrio delicado: manter viva a memória afetiva que o ancora na identidade do território, enquanto se pressiona por transformações estruturais que garantam sua regeneração. O renascimento do córrego não se medirá apenas por metros de mata recuperada ou por melhorias nos índices de qualidade da água, mas sobretudo pela reconquista de seu lugar simbólico: de um rio invisibilizado a um marco de reconciliação entre cidade e natureza.

Ao reconhecer o córrego como paisagem de memória e lugar de vida, o projeto reposiciona os corpos d'água como elementos estruturantes da cidade, rompendo com a lógica de invisibilização e controle que historicamente moldou as intervenções em áreas de fundo de vale. As estratégias discutidas com a população, como o plantio de vegetação nativa, a sinalização ambiental, a criação de espaços de convívio e a promoção de atividades educativas, apontam para um modelo de regeneração urbana baseado em soluções baseadas na natureza, com foco na resiliência urbana e justiça ambiental.

O caso do Córrego Prata reforça a importância de metodologias interdisciplinares e colaborativas que valorizem os saberes locais e articulem políticas públicas, ciência e participação cidadã. Em cidades de pequeno porte, como é o caso do município de Goiás, tais estratégias ganham ainda mais relevância por sua capilaridade e capacidade de ativação territorial, contribuindo para uma cultura urbana mais sensível à água, à paisagem e ao direito à cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, paisagens e patrimônio cultural: reflexões desde o Brasil Central. *Revista GEOgrafias*, v. 6, n. 2, p. 158-172, 2010.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: o problema dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.
- REZENDE, Wagner de Souza. Imagine a cidade: práxis plurais e a produção de lugares compartilhados. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 22, n.1, p. 32-49, 2022. DOI 10.5935/ cadernospos.v22n1p32-49.

SILVA-NETO, Carlos de Mello. SILVA, Janete, REZENDE, Wagner. (manuscrito). Relatório técnico – vegetação do Córrego do Prata. Instituto Federal de Goiás, 2024.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2005.

TUCCI, C. E. M. Águas urbanas. Estudos avançados, v.22, n.63, p.1-16, 2008.

TUNDISI, J. G. et al. Conservação e uso sustentável de recursos hídricos. In: BARBOSA, F. A. (Org.) Ângulos da água: desafios da integração. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.157-83.

TUNDISI, J. G.; TUNDISI, T. M. Limnologia. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.